

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. 2 | N° 26 - JANEIRO 2023

Andando em meio às trevas

The background image is a dark, desaturated photograph of a city street in ruins. Debris is scattered everywhere, and the buildings are partially destroyed. In the foreground, two figures wearing dark, patterned ponchos stand with their backs to the camera, looking down the street. The overall atmosphere is one of despair and abandonment.

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. 2 N.º 26

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

O conteúdo do Caderno ABRAJUC é de propriedade intelectual e responsabilidade exclusiva da Associação Brasileira de Juristas Conservadores, a Revista Conhecimento & Cidadania, acreditando na relevância ímpar do trabalho e valores da instituição, não faz quaisquer alterações ou deliberações acerca do conteúdo.

Produção e Designer

Edson Araujo
Munique Costa
Leandro Costa

Redação

Edson Araujo
Pedro Costa
Munique Costa
Leandro Costa

Colunistas

Agripino Alexandre dos Santos Filho
Danielly Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Pedro Costa

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania

Vol. II - N.º 26 - Janeiro de 2023

Rio de Janeiro - RJ

Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

N O T A D O E D I T O R

Iniciamos nesta publicação nosso segundo volume, que se traduz em mais um ano da existência da Revista Conhecimento & Cidadania. Experimentamos o natural amadurecimento, fortalecendo ainda mais nossos valores.

A Revista Conhecimento & Cidadania deixou de ser uma ideia, um sonho, para se tornar real, inspirada em cada um dos seus voluntários, que ingressaram em uma jornada por um mundo melhor, mais consciente, e, principalmente, nos leitores que alimentam a esperança de que há sim uma luz no fim de tanta escuridão.

Aproveitamos a oportunidade de homenagear Olavo de Carvalho, falecido há um ano, que deixou um legado inestimável, despertando tantos quanto buscaram sorver de sua sabedoria. O termo, outrora pejorativo, "guru da direita", pois, seus opositores acreditavam que tal termo traduzir-se-ia como líder de uma seita religiosa, tratando seus seguidores como fanáticos, em verdade, é uma honra que lhe é devida, uma vez que a palavra guru se traduz naquele que remove a escuridão, papel, brilhantemente, cumprido pelo "guru da direita".

Agradecemos aos nossos voluntários pelo acervo maravilhoso de nossa revista, saudando aos que se somam ao nosso grupo. Estamos construindo um legado para as futuras gerações.

Lutaremos por um futuro melhor, estamos apenas começando.

Que Deus nos abençoe, guie e nos dê, não aquilo que queremos, mas o que precisamos para cumprimos nossa missão.

Uma boa leitura.

Leandro Costa

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

AGRIPINO ALEXANDRE DOS SANTOS FILHO

Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS) e Procurador do Estado de Sergipe.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

PEDRO COSTA

Estudante de Direito e editor auxiliar na Revista Conhecimento & Cidadania.

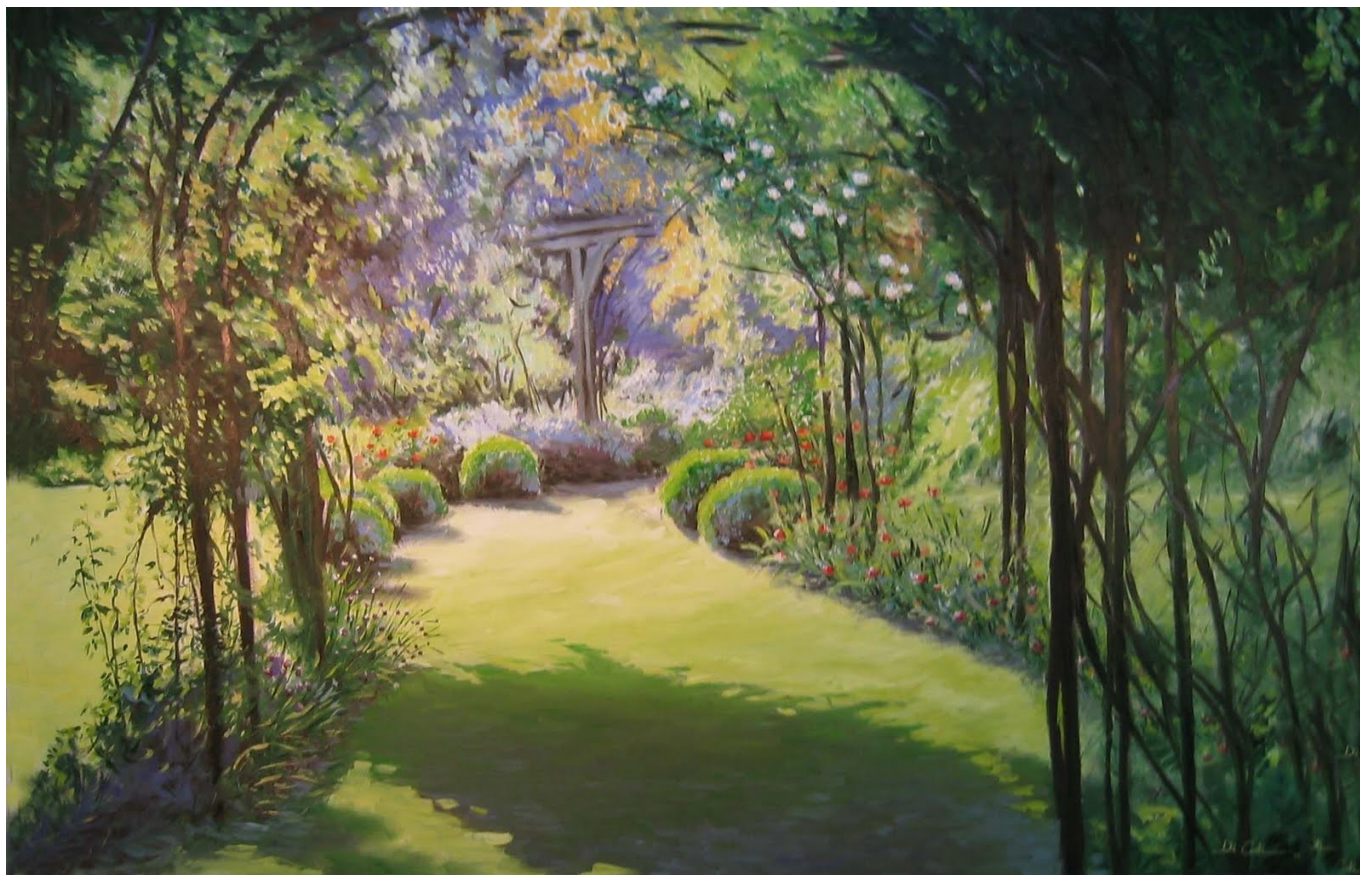
JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

Andando em meio às trevas



Há quem sonhe viver em uma eterna primavera, campos verdes durante todo o ano, ou mesmo, um verão sem fim, aproveitando o seu calor abundante, todavia, raro seria alguém cujo sonho é o infindável inverno, em sua escassez de sol e folhas. O Éden se mantém em nossa imaginação como o resquício de um tempo em que não havia pecado, como uma meta que deve ser alcançada, entretanto, é impossível materializar tal jardim.

Assim como o ano tem suas estações, fazendo com que a natureza nos ensine a viver conforme a imposição de fases, a vida dos homens também oscila, nos obrigando a compreender e nos adaptarmos aos diferentes momentos pelo qual passamos. Sendo certo que, diferente daquilo que sonhamos, teremos que enfrentar momentos de calma e turbulência.

Para que o leitor consiga imergir no proposto pelo texto, far-se-á mister que duas hipóteses sejam compreendidas, aceitá-las, ou não, dependerá, claro, de cada um. É indispensável, portanto, apresentar o conceito de analogia entre indivíduo e sociedade, bem como, da chamada jornada do herói.

Leandro Costa

Construir a ideia de que uma sociedade funciona como um indivíduo, por mais que alguns acreditem ser uma tarefa complexa, é algo bem simples, pois temos diversas correspondências que podem ser suscitadas. Compreender que nosso corpo é composto por células com características individuais, que cumprem determinada missão para com o todo, sem, contudo, saírem de sua essência, ou seja, é uma associação natural na qual cada indivíduo mantém sua característica natural, não precisando se adaptar de forma artificial, logo, um neurônio não cumprirá o papel de um leucócito, pois sua existência é naturalmente compatível com o todo.

Outro exemplo é a regeneração das células, fazendo com que, em regra, o corpo tenha uma vida muito maior que as unidades de forma autônoma, além da interdependência orgânica entre as células, que, desempenhando seu papel natural, criam toda uma rede funcional, na qual, cada uma contribui para o funcionamento do todo. Assim sendo, pode-se admitir que, tal qual os membros de uma sociedade, as células funcionam como um conjunto de engrenagens, logo, há uma necessária ligação entre todo o corpo. A pandemia deixou evidente que o isolamento total é uma ideia impossível na prática.

Abre-se um parêntese para observar que a associação de células ou indivíduos funciona quando cada uma cumpre seu papel de forma orgânica, não sendo compelida ao desempenho de atividades alheias à sua natureza. Eis a razão de toda e qualquer ideologia estar fadada ao fracasso, pois, para que funcione, as partes que compõem o todo precisam servir aos desígnios daqueles que, artificialmente, apresentam soluções criadas com base em sua limitada visão de mundo, pois, sendo células, acreditam-se capazes de tomar os rumos do corpo, renunciando ao funcionamento natural de cada parte.

As ideologias sociopolíticas como o socialismo, fascismo, nazismo e até o anarquismo são desfuncionais, justamente, por acreditarem que há como determinar ao organismo, corpo, que funcione atendendo uma premissa artificial, ditando de forma imaginária que a sociedade seja adaptada conforme premissas idealizadas por partes integrantes dela, ainda que seja contrária a natureza daquele ser. É como se os neurônios, desconsiderando as funções de cada órgão, assumissem que o corpo humano vive em melhores condições em um ambiente subaquático, compelindo aos pulmões que respirem debaixo d'água, o que resultará em uma reação abrupta do corpo, emergindo tão logo possível em busca de ar, ou no afogamento, por não ser viável uma recuperação.

As ideologias coletivistas sempre adotaram uma postura na qual o centro, corrompo por acreditar compreender a existência do todo, tentará forçar os demais membros de uma sociedade a cumprirem seus desígnios, dando a importância conforme a sua ótica do organismo, para ilustrar, imagine-se que um cérebro ignore a relevância dos rins, determinando que tais células ajudem a respirar, deixando de lado

Leandro Costa

sua função natural para que sirvam às pretensões do comando central. Por outro lado, no âmbito da anarquia, buscar-se-á dissolver o elo entre as células, descompromissando-as de sua função natural.

Quando se assume que cada uma das células, ou indivíduos, deve ser considerada, livre, única e relevante à sua maneira, sem a ideia de uma igualdade impositiva, mas natural, percebe-se que a riqueza de uma sociedade, ou mesmo de um único corpo, está na conexão natural entre suas partes, que funcionam conforme sua essência. A amalgama de um grupo deve ser perceptível por seus membros como algo que flui de sua existência, jamais como a imposição verticalizada, logo, nenhuma forma de sociedade será benéfica quando artificialmente criada, salvo para o grupo que a impõe aos demais.

Voltando à hipótese que nos interessa, compreender a relação entre indivíduo e sociedade também precisa passar pela máxima na qual há uma origem, uma existência e, até mesmo, o crepúsculo, o qual poderá deixar um legado aos que sucederão tanto o homem quanto a civilização. As sociedades surgem como derivações de outros grupos preexistentes, ainda que sejamos incapazes de apontar qual a sua ancestralidade, sabemos que um povo deriva de um ou mais grupos.

Em uma rápida comparação, constatamos que o povo brasileiro é descendente dos portugueses e indígenas que aqui habitavam, posteriormente, os demais imigrantes contribuíram com a criação do Brasil, portanto, nosso povo nasce da fusão de vários outros, conservando muito do que fora legado por seus ancestrais.

Acompanhando a linha de descendência dos portugueses, evidentemente por ser a que possui maior histórico relatado, reduzindo-a em uma análise superficial, para facilitar a compreensão, chegamos a constatação que a sociedade brasileira é herdeira da portuguesa, que por sua vez deriva, além de outros povos, dos romanos e assim por diante. Sociedades que tiveram seu apogeu em um determinado momento histórico e deixaram seu legado na história do Brasil. Tal qual cada indivíduo que compunha tais civilizações, elas precisaram ter suas próprias vivências, experimentando momentos de glória e de turbulência.

Mencionados os romanos, uma civilização que já não existe, porém deixara diversos “descendentes”, tendo surgido de povos que habitavam a Península Itálica, no século VIII a.C, merecendo uma justa análise. Roma contava com o seu mito fundador, os irmãos Rômulo e Remo, representatividade que servira como amalgama natural dos indivíduos que viviam naquela sociedade.

O Reino de Roma pode ser considerado a primavera daquela civilização, sua conturbada, porém engrandecedora infância, que forjou a sociedade que se tornaria grandiosa. A República Romana, período de grande importância, que sucedera a monarquia, foi também um momento conturbado na história daquela civilização, comparando-o a sua adolescência, ou mesmo, a juventude.

Leandro Costa

O Império Romano, que também pode ser lembrado como o apogeu daquela civilização, foi aquilo que podemos definir como a fase adulta da Roma antiga, entretanto, chegara o tempo em que aquela civilização teve sua queda, seu fim, dando origem a diversos povos, de certa forma, parindo toda a civilização ocidental tal como a conhecemos nos dias atuais.

Ao comparar a civilização romana a um único indivíduos, analogia que também poderia ser feita com outras tantas sociedades, precisamos observar que, em todas as fases da vida de um homem há momentos prósperos e períodos difíceis, tempos de vacas magras, como aqueles citados em Gênesis. Assim como a vida nos opõe constantemente obstáculos, para que apreendamos a superá-los e assim, nos tornemos mais fortes, a sociedade também é posta à prova durante toda sua existência.

É imperioso ao indivíduo que supere sua primeira gripe, que sobreviva a feridas e outras tantas moléstias, bem como, aprenda com seus erros, ou dos outros, para que seja forte o suficiente em sua idade adulta, posto que, deverá trilhar seu caminho e estará entregue a toda sorte de desafios. Não é diferente em se tratando de um casal, caso em que os esforços e os obstáculos se somam, contudo, em tal hipótese, quando um fraquejar, seu par poderá lhe encorajar, como aquele que dá suporte ao ferido em uma empreitada, devendo ser um apoio mútuo, haja vista que, a sustentação moral de ambos não acabará enquanto um se mantiver altivo, resgatando aquele que, eventualmente, decidi entregar os pontos.



A chamada jornada do herói, ou [Monomito](#), é um conceito usado na ficção para criar e analisar narrativas, todavia, como a arte é reflexo necessário daquilo que nos cerca, resta evidente que tal conceito também se aplica ao mundo real, dadas as devidas proporções. A ideia é criar uma linha lógica padrão na

Leandro Costa

qual as narrativas se enquadram quando se tenta compreender o caminho de uma personagem protagonista durante o desenvolver da trama.

A jornada do herói se perfaz em doze fases que de forma bem resumida merecem a devida atenção.

Começando pelo mundo comum, expondo que é o herói e o mundo que o cerca, buscando dar ambientação ao leitor para que o protagonista não seja uma criatura sem qualquer identificação, não surge para cumprir aquela jornada, precisando ter um prelúdio em sua existência, Nesta esteira, cada um de nós, surge naturalmente, sem que identifique se lhe recai uma missão específica ou mesmo se sua grandeza se dará em cumprir um papel, que embora parece coadjuvante, exerce protagonismo em sua própria história de vida. O mundo comum é o ambiente em que vivemos e como tocamos nossas vidas, o lugar em que estamos confortavelmente, ou não, habituados a existir. Se traduz em nossa cidade, bairro, vila, família e tudo aquilo faz parte do cenário natural de nossa existência.

Em um segundo momento haverá o chamado à aventura, que apresenta um desafio necessário e capaz de tirar o herói de sua “zona de conforto”, aqui, muitos leitores podem não ver esse ponto em suas vidas, entretanto, criar uma família, assumir um trabalho, mudar-se para longe ou mesmo arriscar em uma empreitada, pode ser a jornada de cada um, que, sem dúvida, se originou de um chamado. Logo em seguida temos a recusa ao chamado, aquele momento em que o herói prefere se manter no mundo comum ao enveredar-se por uma aventura arriscada, o que também se aplica a nossa vida cotidiana, basta perceber quantas foram as vezes que titubeamos diante de mudanças, nos recusando a sair da zona de conforto e dar um passo que sabemos ser necessário.

O quarto ponto é o encontro com o mentor, momento em que o protagonista se depara com alguém que o encorajará, abrindo sua perspectiva, para que decida cruzar a linha entre o mundo comum e a aventura em busca de algo maior.

Após ciente de que existe algo maior que deve motivar o protagonista a seguir em frente, chegamos a fase denominada travessia do limiar, na qual o herói, finalmente, deixa seu porto seguro para dar a largada em sua missão. O início da empreitada leva-o a passar por provações menores, descobrir aliados e adversários, o ponto em que o herói começa a se preparar para grandes desafios.

A fase chamada de aproximação da caverna é aquela em que o protagonista precisa ter um momento de reflexão, de preparação e, por que não dizer, de tranquilidade antes de enfrentar o seu grande desafio. É a calma que antecede a tempestade, momento de recuperar o fôlego e as energias para o grande embate que terá de superar, por outro lado, pode ser o momento de reconhecer o inimigo que estará à frente.

Leandro Costa

A grande provação é o momento em que o protagonista se vê diante de um grande obstáculo, algo que outrora acreditaria insuperável, passando por uma experiência de superação nunca vivida, como vencer a morte ou derrubar uma besta que julgava invencível. Nesta fase sempre fará com que tudo pareça perdido e, ao transpor tal obstáculo, o herói se agiganta, vencendo o mal e se mostrando maior que aquilo que temia.

Antes que o leitor acredite que a fase de provação seja algo exclusivo das obras de ficção, é preciso lembrar das vitórias sobre grandes obstáculos, como as legiões romanas nas batalhas de [Alésia](#), os gregos em [Salamina](#) e os portugueses em [Diu](#), situações em que um lado, mesmo diante de flagrante desvantagem, acaba por subjugar o franco favorito, vencendo assim a provação que era vista como um obstáculo intransponível. As batalhas mencionadas provam que os desafios podem ser superados, bem como, há sim um momento de provar o valor de um indivíduo ou de uma civilização.

Chegamos agora na fase que é chamada de recompensa, momento em que o protagonista, superando o grande obstáculo que estava em seu caminho, sendo, justamente, a fase de engrandecimento, na qual o herói assume que é um vencedor, sagrando-se como um campeão, logo em seguida, dará início à fase da volta ao lar, que parece, erroneamente, o fim de toda a jornada, todavia, simboliza um período de reflexão e decisões sobre o que fazer após a jornada.

Surge, então, o momento de ressurreição, no qual o mal ressurgirá e colocará em risco tudo aquilo que é caro ao herói. Isso pode ocorrer como a volta daquilo que já foi vencido, talvez mais forte, ou mesmo, de um novo perigo que, ofuscado pelo primeiro obstáculo, era desconhecido pelo aventureiro. Podemos imaginar, metaforicamente, que o mal se manifestava em um tirano, que após sua deposição, surgem outros tantos tiranos, de forma inesperada e investidos de um poder ainda maior, cuja missão seja perpetuar o mal que fora extirpado, ou mesmo, reconduzi-lo ao poder.

A ressurreição se traduz na ideia de não baixar a guarda até que todo o mal seja derrotado, seguindo a máxima de não comemorar a vitória antes da certeza. Cada indivíduo deve reconhecer que o mal é multifacetado e que pode voltar sempre, no âmbito da civilização contemporânea, é fácil lembrar de um episódio, quando a humanidade acreditava se ver livre do maior mal da atualidade.

A queda do Muro de Berlim, também chamado de Muro Antifascista, que serviu para aprisionar o leste da Alemanha no mundo socialista, em 1988, fez com que muitos acreditassem que a humanidade estaria livre do mal, que simbolizava a queda do socialismo, entretanto, foi apenas uma vitória momentânea, pois o mal se reinventava e já havia permeado a civilização ocidental, corrompendo seus valores e inculcando sua visão distópica no imaginário dos homens livres.

Leandro Costa

O socialismo, que caíra podre na União Soviética, tornou-se uma mitologia que seduziu os mais fracos e corroe as sociedades ocidentais com a falsa promessa de um mundo livre, igual e justo, todavia, semeou seu mal através da desinformação, criando homens fracos e grupos que nada mais são que a reinvenção dos antigos soviéticos, que escravizam indivíduos fragilizados que buscam no sentimento de pertencimento refúgio para problemas, em sua maioria, artificiais.

O que importa no momento é compreender que, mesmo após de sua suposta queda, o socialismo se reinventou, ainda mais forte e perigoso, pois, permeia a sociedade como uma doença e, quando necessário, nega sua própria existência. A fase de ressurreição do mal, pode ser muito bem exemplificada assim, ou em outros tantos episódios da história da humanidade.

Finalmente, a jornada do herói chega ao seu fim, com a fase que alguns chamam o retorno com o elixir, mas, chamaremos de a consagração, uma vez que, no final de tudo, o protagonista é aclamado o herói, vencedor sobre todo o mal e cumpre o seu papel na trama. Assim como cada um de nós faz em toda sua vida, como uma jornada maior, ou em suas diversas fases, como pequenas jornadas que se apresentam na forma de capítulos da principal.

Mesclando a ideia de que uma civilização, uma sociedade, um indivíduo, ou mesmo, uma célula guardam uma relação, em sua trajetória, atravessando diversas jornadas, seja diante dos desafios ou de toda sua existência, concluímos que a toda a existência de uma célula é um fragmento da existência do homem que ela compõe, bem como, cada indivíduo possui sua própria jornada completa, que não deixa de ser uma fração da jornada de sua sociedade, o mesmo vale para a civilização e a maior de todas as jornadas, a da humanidade.

Se consideramos a história da humanidade, percebemos o quão pequena é nossa participação na grande jornada, entretanto, a medida que cada um é importante, nossa própria história é uma parte indispensável para o todo. Assim sendo, propõe-se que cada um olhe ao seu redor e perceba que em toda essa grande jornada, qual o momento em que a humanidade vive, que a civilização ocidental está passando, que nossa sociedade enfrenta e que cada um de nós se encontra.

É necessário compreender se você já recebeu o chamado, se sua jornada começou e qual fase você se encontra, aparentemente o Brasil já despertou para sua missão, para grande parte dos brasileiros, tal fase já ocorreu, arrisco dizer que Olavo de Carvalho fez o papel do mentor para muitos no que diz respeito a jornada política atual, bem como, Jair Bolsonaro cruzou o limiar em direção ao desconhecido, entretanto, há de se reconhecer que ainda estamos longe de uma vitória sobre a grande provação e que ainda podemos esperar pela ressurreição do mal no futuro.

Leandro Costa

Acreditamos que estamos atravessando momentos sombrios, caminhando em meio às trevas, e, por isso, é necessário que nos mantenhamos fortes e resilientes, sabendo que, cada um que já abriu os olhos têm a missão de despertar os demais, sendo luz em meios à escuridão, sendo um bastião da verdade quando a mentira corroeu a alma dos mais fracos, estendendo-lhes a mão para que possam emergir das sombras em que foram jogados.

Resta-nos cumprir o papel na jornada, sendo protagonistas de nossas vidas e fragmentos indispensáveis do mundo, salvando a nós mesmos salvaremos muitos outros e somente assim haverá luz. Por enquanto, devemos sobreviver em meio ao caos e seguir andando em meio às trevas, acreditando que o inverno não durará para sempre.

Tal como o herói que supera a grande provação enfrenta o mal ressurgido, cada um de nós precisa assumir que momentos de escuridão nos provam para que sejamos mais fortes, cumprindo um papel cujo real propósito está além de nossa capacidade de compreensão. A vitória se chegará ao seu tempo, apenas lutemos por um mundo melhor.

“Referi-vos essas coisas para que tenhais a paz em mim. No mundo haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo”.

João 16:33



Quando a “lei” infringe o ser humano Continuação



Continuando com a ideia exposta no artigo anterior, a pergunta deixada no final do texto, em condições normais de cultura, seria retórica, mas como nossos conceitos e definições estão quase em sua totalidade, deturpados, cabe aqui um esclarecimento sobre o assunto.

As leis já existiam antes mesmo do ser humano habitar o planeta, pois são elas que regem todo o universo trazendo harmonia e eficácia em seu sistema e só por isso podemos chamar o universo de cosmos, ou seja, ordem.

Sendo assim, qualquer conjunto de regras que não promovam o mesmo efeito, em sua essência não são leis.

Muito se discute sobre o ser humano infringir as leis, mas o que temos observado é que as “leis” com as quais temos lidado, não tem resultado em ordem, harmonia e a eficácia que vemos toda a natureza nos mostrar quando a observamos.

Edson Araujo

Talvez, você se pergunte: Qual a principal ideia do texto, além de mostrar como podemos identificar a lei na sua forma ideal, na sua essência?

Meu objetivo principal é mostrar o que faz sentido quando queremos construir uma sociedade ideal, no caso, não faz sentido, por exemplo, aplicar todo nosso esforço na obediência a "leis" que não promovam a ordem e que de divino, nada tem.

Então a proposta seria a desobediência?

Como filósofo à maneira clássica e conservador, jamais eu irei propor qualquer tipo de comportamento revolucionário, mas, ter primeiro: Consciência plena dos fatos, depois identificar qual nossa identidade e qual nosso alvo, tendo feito isso, buscar resgatar o real sentido das coisas, ou seja, como Deus as criou e principalmente sermos portadores destes elementos que são eles, as virtudes humanas.

E como faremos isso?

É imprescindível saber que é um processo heroico e não devemos nos preocupar com o tempo mas com a qualidade das ações que aplicaremos no processo, assim, tocaremos para além da personalidade, a alma das pessoas e por ela seremos guiados.

Coragem, temperança, constância, patriotismo, lealdade, fé e outras virtudes serão nossas companheiras inseparáveis nesta jornada, rumo ao resgate do nosso ideal político.

Em 1º Cor. 15:58 o apóstolo Paulo nos dá um sólido conselho: “Portanto meus amados irmãos, sejam firmes e constantes, sempre abundantes, sabendo que o vosso trabalho não é vão no senhor”

E assim seremos até que nossos olhos não vejam mais a luz do sol ou que enxerguemos a tão desejada liberdade.

Sejamos portadores das virtudes que esperamos dos outros e construamos nós o nosso caminho até nosso destino próprio e que assim como fez o rei Davi, que escondeu a palavra sagrada de Deus no seu coração, guardemos nós a pureza essência das leis divinas que nos permitem ir além dos limites que qualquer cenário nos apresente.

Que Deus abençoe nossa Jornada!

A Verdade e a Mentira**A VERDADE
E A MENTIRA**

Gosto muito da parábola sobre a verdade e a mentira. Ela é bem emblemática, e em tempos sombrios como os que estamos vivendo, nos mostra que é preciso perder a ingenuidade. A estória é mais ou menos assim:

Erika Figueiredo

A Verdade se encontrou com a mentira, por acaso. A Mentira disse: que lindo dia, não é? A Verdade, desconfiada, foi olhar, e o céu realmente estava azul, os passarinhos cantavam, era um dia bonito. A Mentira estava certa.

A Mentira prosseguiu: está bem quente hoje, poderíamos nos banhar no rio. A Verdade teve que concordar que fazia calor, e achou que não havia nada demais entrar no rio com a Mentira. Afinal, ela não parecia tão ruim assim, e estava falando coisas coerentes e corretas.

Mal entraram no rio, a Mentira saiu da água e vestiu-se com as roupas da Verdade, fugindo. A Verdade recusou-se a vestir as roupas da Mentira, e saiu desnuda, pelas ruas. Não via por que se envergonhar, havia sido enganada, explicaria sua situação.

As pessoas, entretanto escandalizaram-se com a Verdade nua e crua à sua frente, preferindo acreditar na Mentira, vestida de Verdade. E a verdade se escondeu, morta de vergonha e ultrajada, desacreditada e espezinhada que havia sido, e nunca mais apareceu.

A Mentira é ardilosa, sedutora, fácil de engolir. Ela desce macia, goela abaixo, e apenas após ser mastigada e digerida, inicia seu processo de destruição. A Verdade, não. Ela é dura, inconveniente, incômoda. Gera mal estar e indisposição, logo que se apresenta.

A Mentira, quando chega, precisa do discurso da Verdade. Precisa convencer, encantar e dominar as atenções das pessoas, atingindo em cheio todos os desavisados. E a Verdade? Bem, ela só é convidada a ingressar em círculos bem restritos, onde as pessoas estão preparadas para sua chegada. Porque ela chega de modo abrupto, não sabe seduzir, não é maliciosa, não escolhe as palavras, posto que não aprendeu a enganar.

A humanidade, desde os primórdios, sente-se mais confortável em companhia da Mentira, já que a Verdade a retira de sua zona de conforto, é a visita que incomoda desde a chegada e não tem hora para ir embora. A Verdade, coitada, bem que tentou argumentar. Estava sendo ultrajada, vilipendiada e covardemente escorraçada. Fora preterida por um conjunto de mentiras pírias e injustificáveis.

Mas, infelizmente, ninguém prestou atenção no que estava dizendo, inebriados que estavam pelas sedutoras e eloquentes palavras da Mentira, que foi alegremente celebrada, e saiu toda elegante (pois as roupas da Verdade lhe caíram muito bem), para jantar fora com os Congressistas, e celebrar sua vitória acachapante.

“Realidade é aquilo que existe fora e independentemente de nós e que minuto a minuto nos impõe algo que não desejaríamos saber, algo que preferiríamos que não existisse”. Olavo de Carvalho.

Empresários não trabalham A velha mania de lançar empregados contra patrões



“Os proletários nada têm de seu a salvaguardar; sua missão é destruir todas as garantias e seguranças da propriedade privada até aqui existentes (...) A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital a condição de existência do capital é o trabalho assalariado (...) O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.” (Karl Marx, “Manifesto Comunista”)

Desde a Revolução Francesa a esquerda fomenta, como uma de suas bandeiras, a guerra “nós x eles”, principalmente entre empregador e empregado, e isso fica claro na citação acima: Marx incitava os trabalhadores a destruir a tal “classe burguesa” (que gera emprego) para que os trabalhadores supostamente assumissem o controle. A desculpa é, trocando em miúdos: o patrão é “malvadão”, não aumenta o salário porque não quer, o rico não trabalha e, por isso, explora seus funcionários.

Trago este assunto no referido artigo porque Lula (sujeito que me recuso a chamar de presidente) fez a seguinte declaração: *“o empresário não ganha muito dinheiro porque trabalhou, ganha muito dinheiro porque os trabalhadores dele trabalharam”*. O petista – que não trabalha desde 1977 – se esquece que sem empresário não há empregado. E tratarei de explicar isso nas linhas a seguir.

A esquerda prega que a Economia é um jogo de soma zero: se alguém ganha é porque o outro perde; porém, isso não é verdade. Primeiro que a quantidade de bens de consumo não é fixa, logo, muitos destes bens precisam ser produzidos, não sendo necessário tomar de outrem (a menos que seja mau-

Danielly Jesus

caráter e corrupto). O livre mercado – aquele que Lula tanto critica – é o mecanismo que possibilita que mais bens sejam produzidos, mais pessoas tenham acesso, a Economia gire e todos ganhem.

Para que todo esse processo aconteça, uma palavrinha deve estar no topo da lista do empresário: LUCRO. Contudo, para a esquerda, este é um “feio”. Mas sem isso, a empresa não cresce, não há pagamento dos funcionários, vem a falência e todos perdem. Samuel Gompers, fundador da Federação Trabalhista Americana, disse certa vez: “O pior crime contra a classe trabalhadora é uma empresa que deixa de operar em busca de lucros”.

Ora, se uma empresa gera lucro, proporciona melhores salários a seus funcionários, o que aumenta o poder de compra e faz a Economia girar; isso faz com que a produção aumente e necessite contratar mais pessoas; logo, se aumentam as vagas de emprego, diminui a pobreza. Percebem como é simples de se entender? Contudo, Lula insiste em falar contra o empresariado.

Aliás, vamos tratar do empresário em si: para a esquerda, todo rico o é porque sonogou impostos ou aplicou um golpe; a ala progressista é mestre em demonizar a classe que gera empregos. Então, embora progressistas não gostem de ler, deixarei registrado diversos exemplos de pessoas que enriqueceram através do trabalho.

Silvio Santos é o maior comunicador do Brasil e criador do SBT. Sua fortuna gira em torno de R\$ 1,70 bilhão. Mas quase ninguém sabe que era filho de um casal de imigrantes, que nasceu no bairro da Lapa (Rio de Janeiro) e que, embora formado técnico em Contabilidade, foi camelô, vendendo capas para títulos de eleitor.

O apresentador Sikera Junior, um dos maiores apresentadores do país – e que além de trabalhar na TV A Crítica, é empresário – nasceu no interior de Pernambuco, na cidade de Palmares. Seus pais trabalhavam na roça e a casa onde moravam sempre era reconstruída, pois as enchentes – que assolam Palmares até os dias de hoje – sempre a destruía. Foi para Maceió, Alagoas, onde precisou se mudar mais de quinze vezes, por dever prestações de aluguel. Desempregado, vendeu panelas e até trabalhou como animador de festa, vestido de Teletubbies.

Sylvester Stallone, um dos maiores atores de Hollywood, tem sua fortuna estimada em US\$ 300 a US\$500 milhões. Seu patrimônio é composto basicamente por sua empresa, imóveis e investimentos financeiros. Mas né, sempre foi assim.

Morou em lares adotivos por cinco anos, já que seus pais estavam no processo de um divórcio bastante conturbado. Stallone, em um ato de desespero, gravou um filme pornô intitulado “The Party at Kitty and Stud's” (“O Garanhão Italiano”). Tomou esta atitude após ter sido despejado de seu apartamento e ficado sem onde morar por vários dias. Também disse que dormiu três semanas na estação de ônibus Port Authority, em Nova Iorque, até ter visto o anúncio de elenco para o filme. Em suas palavras, “era

Danielly Jesus

fazer aquele filme ou roubar alguém, porque eu estava no fim de minhas forças”. Gravou outros filmes, porém com papéis inexpressivos. Nunca mais gravou pornô – graças a Deus.

Stallone casou e foi levando a vida, mas chegou a um ponto em que estava tão pobre, que roubou as poucas joias de sua mulher e as vendeu. As coisas ficaram tão ruins que acabou morando na rua. O fundo do poço chegou quando teve de vender seu cachorro chamado Butkus, da raça bulmastife, de mais de 60 kg, em uma loja de bebidas a um estranho qualquer, pois não tinha dinheiro para alimentá-lo mais, vendendo-o por quarenta dólares.

Após assistir a luta entre Muhammad Ali e Chuck Wepner, teve a inspiração para escrever o roteiro de “Rocky – Um lutador”. Ao vender o roteiro, a única exigência de Stallone era estrelar o filme, mas o estúdio recusou. Após várias conversas, o estúdio United Artists permitiu que ele gravasse, pagando US\$ 35 mil pelo texto. E como dizem, o resto é história.

O capitalismo pode não ser o mais perfeito sistema; contudo, é o único que proporciona que alguém cresça e prospere. Ao contrário do sistema progressista, que prega a igualdade – na miséria.

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreeva-se no
canal!**

Para tudo há uma ocasião

O cristianismo chegou ao Brasil como missão de evangelização da Igreja Católica. Apenas sob a ótica religiosa, podemos afirmar que evangelizar é um ato de fraternidade. Se eu desejo a salvação da minha alma, é normal também desejar o mesmo ao meu irmão. “E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa.” (MT 5,15).

Deste modo, os jesuítas foram os primeiros catequistas e professores de Pindorama (como os indígenas chamavam o território brasileiro). Os padres jesuítas aprenderam a língua nativa, desbravaram o território de mata fechada, identificaram as tribos e fizeram muitas vezes o primeiro contato do homem branco com o povo nativo.

A verdade é que ao longo da história, esse modo de evangelização não nos traz nenhuma novidade. A Igreja Católica desde seus primórdios sempre catequizou usando artifícios, hoje considerados pouco ortodoxos, mas antigamente algo muito comum quando dois povos com tradições diferentes se encontravam: criando um pluralismo religioso ou uma cultura se sobrepondo sobre a outra. Lembrando que a religião antes de ser vista como um evento sobrenatural, sob o ponto de vista material é uma manifestação cultural de um povo.

Sabendo disso, não é difícil entender que o catolicismo de hoje não é o mesmo de 600 anos atrás. A Igreja Católica, berço do cristianismo, precisou lidar com a reforma protestante. Época em que perdeu adeptos e a expansão marítima era um modo de disseminar também a fé católica para outras regiões do globo terrestre.

Aos poucos a Igreja se modificou, o cristianismo começou a ser entendido com novos aspectos e ser religioso mudou de estereótipos. Podemos dizer que o cristão se modernizou e se abriu a um novo mundo de possibilidades. Mas fica a pergunta: até aonde mudamos nossa essência? Aprendemos a acolher melhor o diferente ou mudamos o cristianismo para não desagradar certos grupos?

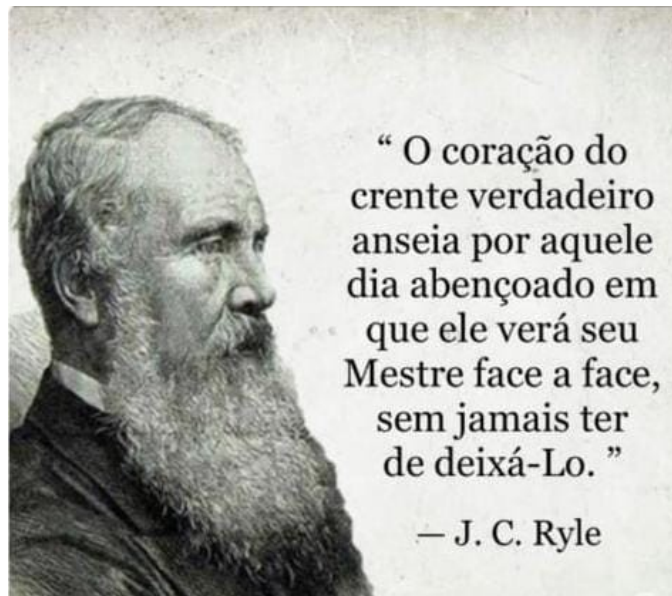
Como cristãos defendemos a vida ou preferimos nos omitir para não ferir o outro com nossa crença? Como cristãos acreditamos no arrependimento e na remissão dos pecados ou nos rebaixamos a julgar o outro? Como cristãos nos fechamos apenas a criticar nossos “inimigos” ou oramos por eles e para que Deus nos dê sabedoria no falar? Como cristãos falamos com amor e sabedoria ou queremos apenas atacar a visão do outro?

Juliette Oliveira

Realmente, vivemos tempos sombrios e, sinceramente, acreditávamos que tais tempos não aconteceriam com a brevidade que estão ocorrendo. Não é fácil agir com cautela em um momento que nossa vontade é gritar. Existe uma música que exprime bem esse momento, chamada “O Profeta” que tem como refrão, assim:

“Tenho que gritar, tenho que arriscar
 Ai de mim se não o faço!
 Como escapar de Ti, como calar
 Se Tua voz arde em meu peito?”

Tenho que andar, tenho que lutar
 Ai de mim se não o faço!
 Como escapar de Ti, como calar
 Se Tua voz arde em meu peito?”



Como cristãos, devemos levar a verdade ao mundo, é a nossa missão. Mas sigamos o exemplo de Jesus que diante do sacrifício da Cruz se recolheu para oração pessoal, preparou a alma durante 40 dias e noites no deserto. E no momento em que precisou seguir seu chamado já havia preparado o próprio espírito. Então, após compreender a importância da cautela e perante a precipitação de Pedro usou estas palavras: “Embainha a tua espada! Acaso não terei de beber o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18, 11).

Enfim, assim como Jesus viveu seu deserto antes de ir para o sacrifício, somos também chamados a preparar o espírito através de momentos de reflexão, de silêncio, de oração pessoal e resguardo. A luta será árdua, não podemos desanimar nem perder as esperanças. “Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu” (Ecl 3,1).

Sebastianismo, à espera de um Messias



O “Desejado”, o “Encoberto”, o “Adormecido”, o “Encantado”, ou ainda de modo oficial D. Sebastião I de Portugal. A breve história do homem, do jovem monarca e do mito, nascido em Lisboa a vinte de janeiro de 1554 é o tema deste artigo. Aquele que encarnando as melhores esperanças de um povo, se lançou à frente de suas tropas no campo de batalha em Alcácer Quibir (Marrocos) e... Vejamos antes como tudo começou.

O rei de Portugal, D João III, filho mais velho de D. Manuel (o “venturoso”), casado com Catarina de Áustria, gerou nove descendentes legítimos e outros quatro antes de seu casamento, assim sendo, bastardos. Nada mais alvissareiro para um rei que uma prole extensa. Todavia, quis o destino que el-rei testemunhasse a morte de cada um de seus herdeiros, um a um ainda na infância ou mal chegados à puberdade. No ano de 1552, D. João III já perdera oito de seus filhos e filhas, restando apenas João Manuel seu príncipe herdeiro, sobre quem restavam depositadas todas as esperanças de manutenção dinástica de sua família. Sua esposa Catarina já contava quarenta e cinco anos e possivelmente já encerrara seu período de fertilidade.

Por outro lado, D. João III viu morrer quase todos os seus onze irmãos e irmãs, restando apenas o Cardeal Henrique I, que por sua condição dentro da hierarquia católica não proveria herdeiros para o trono e, Maria (Duquesa de Viseu), que era em 1552 a segunda na linha sucessória.

Tal era o caráter de urgência em que vivia Portugal.

Assim, em 1552 o jovem príncipe João Manuel, com apenas quinze anos foi levado a se casar com Joana de Áustria. Deste casamento nasceu Sebastião em vinte de janeiro de 1554, o que trouxe ares de esperança e continuidade à Dinastia de Avis. Mas eis que mais uma vez o destino pregou uma peça ao

Mauricio Motta

povo português. Aquele ano de 1554 não foi muito pródigo de boas notícias para os portugueses. Dezoito dias antes do nascimento de seu filho, o príncipe João Manuel morreu, supostamente de tuberculose (ou por complicações da diabetes). As esperanças se mantinham agora sobre o príncipe Sebastião.

Em 1557 morreu o rei D. João III e o príncipe menino se tornou rei... Apenas um menino, tendo três anos incompletos. Em razão de sua pouca idade, Portugal foi regido por sua avó Catarina de Áustria, até que ela morresse em 1562. Infortúnios em série, muito ainda estava reservado ao aflito povo português. Finalmente chegara a vez do Cardeal Henrique I assumir a regência de Portugal, o que o fez até 1568 quando as Cortes proclamaram a maioridade do jovem rei, que passou a se chamar D. Sebastião I.

Em 1577 morreu Maria, tia do jovem rei Sebastião I. Agora todas as orações portuguesas se dirigiam em votos de saúde e longevidade aos dois últimos representantes de Avis.

O jovem rei cresceu cercado de esperanças e promessas de grandeza para seu povo e seu país. Àquele tempo, D. Sebastião possivelmente se via impelido a manter o poder e a riqueza que seus ancestrais haviam conquistado ao redor do mundo. Suportando sobre si o peso da responsabilidade que o destino lhe impusera. O jovem demonstrava a impetuosidade da juventude, resvalando na inconseqüência. Era atraído por caçadas, navegação, treinamentos militares e tantos outros pendores que exigissem bravura.

D. Sebastião foi educado e esteve permanentemente cercado pelos jesuítas. A disciplina, o senso de dever e o profundo fervor religioso constituíam sua persona. Sua cosmovisão, associada às características já descritas anteriormente, faziam do jovem rei de Portugal um tipo que se postava acima das opiniões contrárias às suas crenças interiores, movido por sua bravura e guiado pela fé. Excelentes características pontuais para um rei, mas que estando reunidas poderiam dar espaço a uma tragédia épica. E assim foi.

Em 1574 os turcos otomanos conquistaram Tunes (Tunísia), consolidando o controle de quase todo o norte do continente africano, restando o Marrocos para completar o domínio. O sultão Mulei Moluco, apoiado pelos turcos, conseguiu conquistar o Marrocos vencendo seu sobrinho, Mulei Mohammed. O Marrocos era àquele tempo um ponto de interesse comercial para Portugal e baseado neste fato, o sultão deposto solicitou ajuda de Portugal para retomar sua posição. O pedido de ajuda do sultão Mulei Mohammed era extremamente arriscado. Os custos, os riscos e as perdas, comparadas às vantagens apresentadas não tornavam a empreitada inspiradora, mas não para D. Sebastião I. Movido pelo desejo de honrar a glória de seus antepassados, e possivelmente temeroso da abertura de uma porta de acesso dos muçulmanos à Península Ibérica, via Estreito de Gibraltar, em sua visão era necessário impedir o avanço dos infiéis muçulmanos, resguardar a prosperidade de seu reino e defender a fé cristã.

Mauricio Motta

De nada serviram os aconselhamentos de seu tio, o Cardeal Henrique I, nem mesmo os pedidos de sua mãe, ou a questão sucessória delicada, tampouco as responsabilidades para com seus súditos, nada desviou D. Sebastião I de seu objetivo glorioso. As cortes também pareciam interessadas em preservar os interesses comerciais, era suficiente. Assim, D. Sebastião buscou apoio militar do rei de Espanha, Felipe II (o “Prudente”). A fé católica se encontrava ameaçada no Marrocos e algo semelhante a uma Cruzada seria necessário para impedir o avanço dos infiéis. Seu pedido foi recusado por motivos óbvios, apesar de ser um fiel defensor da fé católica, para Felipe II ficou claro que à Espanha não havia interesses que sobrepujassem as riquezas da América.

Em fins de junho de 1578, reunidos mais de 20.000 homens, contando em torno de 40 canhões, a expedição partiu de Lisboa. Concluída a etapa marítima, iniciaram a longa e exaustiva caminhada rumo ao interior marroquino. As peças de artilharia se demonstraram um primeiro (e pesado) obstáculo, visto que transportar em carroças o peso dos canhões sobre as areias do deserto se tornou algo praticamente impossível. O calor, a limitação de água e víveres, a longa jornada, a desorganização, pouco treinamento, disputas internas, tudo conspirava para o insucesso da empreitada. Enfim, em quatro de agosto de 1578 as forças portuguesas e aliadas se encontraram frente a seus adversários em Alcácer Quibir, no Marrocos. Mais de quarenta mil homens, alimentados, hidratados, descansados e, muitos deles portando arcabuzes, aguardavam as forças portuguesas e aliadas. Pouco mais de quatro horas apenas, foi o tanto necessário para finalizar a batalha. Teriam os portugueses alcançado a improvável vitória, liderados pela inabalável fé de D. Sebastião I?

Segundo testemunhos de época, dados por nobres e fidalgos, a batalha foi finalizada sem que qualquer das partes tenha-se dado como vitoriosa. D. Sebastião supostamente fora avisado em dado momento, no calor da batalha, sobre a necessidade de recuo, ao que ele teria respondido “Senhores, a liberdade real só há de se perder com a vida”, avançando em seguida para o centro do combate à frente de seus homens. Esta teria sido a última vez que D. Sebastião I de Portugal foi visto com vida. Do lado português, foram mais de nove mil mortos e milhares de sobreviventes cativos. Outros tantos fugiram e conseguiram retornar a Europa. A partir deste ponto uma série de histórias foram sendo contadas pelos sobreviventes, que pouco a pouco retornavam a Portugal. Alguns diziam ter visto o rei vivo mesmo após o fim da luta; outros garantiam que o rei se retirara estrategicamente para evitar ser capturado, dizia-se que o rei estava preso, mas, nenhuma testemunha afirmou peremptoriamente ter visto o rei morto. Este fato deu início às lendas que acompanham ainda hoje o nome e a história de D. Sebastião I.

Uma possível explicação para a ausência de testemunhas da morte do rei, poderia ser obtida invocando a antiga ética cavaleiresca. Era sinal de profunda desonra para um nobre ver seu rei morrer sem antes dar sua própria vida em seu favor. Quem retornaria à pátria afirmando ter testemunhado a

Mauricio Motta

morte dando causa à sua própria desonra? Ainda hoje não há como afirmar o fim que teria experimentado o valente e imprudente rei D. Sebastião I. A pedido de Felipe II, um corpo foi enviado a Portugal em 1582 e depositado solenemente na cripta do Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa, onde permanece até os dias atuais.

As primeiras notícias, descontraídas, deixaram a população portuguesa entre atônita e esperançosa. A qualquer momento o rei voltaria, boatos garantiam que o rei já estava de retorno, que aguardava apenas o momento certo para restaurar seu trono e dinastia. Impostores se apresentaram afirmando serem o rei, mas de modo geral a prisão e a morte eram seus prêmios. Tudo se dizia, nada se comprovava.

O fato é que em meio à crise sucessória, com improváveis candidatos ilegítimos e apenas o Cardeal Henrique como sucessor legal, Portugal viu ascender ao trono o último representante da Dinastia de Avis, que reinava desde 1385: Henrique I. Mas por destino, ou por uma infeliz sucessão de acasos, a fria lâmina da morte ceifou também a vida de Henrique I em 1580. Sem mais herdeiros, sem caminhos, aparentemente abandonado pela boa sorte, Portugal acabou sob o domínio espanhol, pois Felipe II reivindicou seus direitos alegando parentesco distante com Sebastião I. Aquela alegação não seria impossível, face aos incontáveis casamentos arranjados entre as cortes europeias. De todo modo, não passou de um artifício de esperteza que teve bom êxito.

Entre 1580 e 1640, todo o império português, distribuído entre Europa, América, África e Ásia foi anexado ao império espanhol sob uma só coroa. O Brasil passava a ser também uma das muitas colônias espanholas. O Tratado de Tordesilhas perdeu sua razão de existir, e na prática a fronteira passou a ser limitada pela medida do ímpeto e do vigor de quem pudesse desafiar os rigores dos sertões.

Morreu o rei, mas a cada dia a esperança era realimentada. Ele voltará! Ele ressurgirá! Ele nos salvará! Ele nos redimirá! Da terceira pessoa sempre se espera o verbo que indica a ação, mas a primeira pessoa também pode se antecipar e agir. Muitos portugueses esperaram por seu mito messiânico, mas ele não veio, o messias não voltou... De Sebastião restou apenas o seu culto, ou seja, o Sebastianismo.

Não trataremos das desventuras portuguesas no período da União Ibérica, ou da expansão territorial do Brasil, manteremos nosso foco em D. Sebastião I. Não mais no homem, mas no mito. Nesta (longa) introdução ao tema, necessária para a contextualização, pudemos compreender as motivações do surgimento do mito messiânico conhecido como Sebastianismo. Na continuação deste artigo trataremos de seus desdobramentos e da influência que possa ter na mentalidade coletiva, inconsciente ou não, da população brasileira. Até lá!

Agripino Alexandre dos Santos Filho

Ode ao Rei D. João I, o Mestre de Avis



O Rei D. João I (1357-1433) consolidou a independência de Portugal, ao vencer a Batalha de Aljubarrota (1385), derrotando o Reino de Castela, com o qual celebrou um tratado de paz (1411), sendo reconhecido definitivamente como Rei de Portugal e do Algarve, dando início à Dinastia de Avis. Foi no reinado de D. João I que se iniciou o processo de expansão marítima, que estendeu o território português até Marrocos, processo este que tornaria Portugal uma potência mundial no século XV. O Mestre da Ordem de Avis, como também era conhecido, foi um monarca absoluto, que jamais teve sequer vislumbre do que seria um *Estado de Direito*, viveu distante das Revoluções Americana, Inglesa e Francesa. Concentrava em si mesmo o poder de legislar, executar e julgar, por consequência, estava acima e para muito além das leis humanas. A ideia de um Estado em que todos estivessem submetidos à Lei, inclusive o próprio Monarca, soaria risível aos ouvidos do Rei D. João I.

Uma ressalva. D. João I não possuía limites debaixo do céu, mas temia a Deus. Era um cristão. Leitor assíduo da Bíblia, cujo texto sagrado estabelecia ao velho Rei limites morais, que ele próprio se impunha. D. João I nunca julgou um crime que ele próprio fosse a vítima, evitava confiscar bens de seus súditos e só prendia pessoas como exceção. Jamais em tempo algum encarcerou mulheres e homens em

Agripino Alexandre dos Santos Filho

uma mesma cela. Nunca prendeu crianças. D. João I era um Rei absoluto, mas tinha senso moral, respeitava seu Povo e suas Tradições.

E assim seguiu D. João I, aclamado e reinando absolutamente até sua morte, após quase 50 (cinquenta) anos de reinado, o mais longevo da monarquia portuguesa. Morreu de causas naturais e seu corpo foi sepultado na Capela do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, erguido em homenagem à Batalha de Aljubarrota. É lembrado como um Rei culto e benevolente, reconhecido como “pai dos portugueses”.

Uma passagem do absolutismo português, que envolve D. João I, aconteceria no reinado seguinte: em 1434, D. Duarte I publicou uma lei centralizando ainda mais o poder político na Monarquia. A raridade dessa lei é que sua vigência foi considerada desde o Reinado de D. João I, conseqüentemente se sobrepondo às leis que já vigoravam anteriormente ao ato de sua publicação. Timidamente, alguns ousaram questionar o Rei, indagando se não seria o caso de aplicar a lei apenas aos fatos posteriores, uma vez que as pessoas poderiam questionar a aplicação de uma lei não publicada. Obviamente, um argumento golpista, de pessoas perigosas, que não queriam o bem do Reino. Sim, argumento golpista, porque golpistas sempre os tivemos.

Para aclarar essa aparente contradição, brilha a mente dos juristas, essa casta intelectual que acompanha a humanidade desde priscas eras, especialmente a do eminente jurisconsulto João Afonso das Regras (1357-1404). Trata-se da doutrina da “Lei Mental”. Criação sublime, que rivaliza com as Pirâmides de Gizé e o Colosso de Rodas. Segundo esta criativa teoria, o Rei detinha o poder de legislar, bem como todos os outros, mas não precisava exercer esse poder legislativo publicamente. Sua Majestade poderia guardar para si uma Lei que, embora não publicada, tinha sua existência e vigência “*in mente*”. Portanto, a Lei em questão, que só viria a ser publicada nas Ordenações Manuelinas, já existia na cabeça do Rei D. João I, sendo sua posterior publicação mera formalidade.

Agora, alguns leitores radicais, certamente terroristas, devem esperar que eu faça um paralelo entre o reinado de D. João I e o atual momento político que vivemos no Brasil. De fato, deveria fazê-lo. Queria fazê-lo. Comecei a escrever este texto com esse propósito. Mas não o farei, porque um Anjo tocou no meu coração e disse: *filho, pare. Você tem família, esposa e duas filhas ainda crianças*. O Anjo está certo, não posso arriscar fazer uma crítica a vocês sabem quem e ser preso pelo ato antidemocrático de manifestar minha opinião.

Concluo confessando uma certa nostalgia do reinado de D. João I, que só conheci pelos livros. Tenho saudades de um tempo em que o governante temia a Deus e respeitava seu Povo e suas Tradições. Sobretudo, tenho saudades do bom senso do velho Rei lusitano.

A figura masculina sendo renegada do primeiro círculo social



Torna-se mais comum, ao passar dos anos, a figura da mãe solteira ou de netos criados pelos seus avós, embora não seja novidade para ninguém, ora passa despercebido, ora evitam mencionar por julgar um tema sensível, o que faz muitos não dizerem por receio de “cancelamento”.

Tendo em vista que, nas escolas, mulheres são a maioria esmagadora, desde professora até tutora, pedagoga e outros cargos na educação, em realce a infantil. Não é atoa este fator, pois é natural do instinto materno feminino criar vínculos afetivos de forma rápida e sólida, tendo maior êxito em formar o ambiente escolar mais suavizado desde os primeiros dias de aula.

Todavia, quando juntamos as duas informações, um filho criado por mãe solteira, tendo contato com apenas professoras nas escolas, cria um vácuo de imagem masculina para ser seguida. Atualmente, muito da falta de masculinidade na sociedade é atribuída ao feminismo, graças aos falsos homens, os quais autointitulam-se desconstruídos, porém, alguns deixam passar esta informação, enquanto outros sabem mas preferem fingir que não.

Pedro Costa

Claramente é o resultado, já esperado, do empoderamento feminino em forma de exaltação da libertinagem e separação do vínculo familiar o qual cria este abismo. Diferente do ditado popular “faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço” as crianças criam sua moral embasada no adulto que as acompanham, deste modo, um menino vivendo apenas com mulheres ao seu redor não terá uma postura condizente.

Um homem frágil é, por natureza, submisso e sem virilidade, o que inclui sua honra e dignidade como homem, com este conceito não é difícil encontrar estes em meio a sociedade repleta de vitimismo – Black Lives Matter, grupos de ativistas homossexuais e tantos outros – jamais imaginei que veria um rapaz dizer que sofre bullying na escola, sendo que em maioria quase absoluta, isto para não afirmar que é absoluta, o tal bullying é um apelido, ou coisa do gênero.

Para impor algo sob um povo, faz-se necessário a submissão deste, antigamente através de guerras, hodiernamente através de condutas sociais onde já nascem submissos. Isso explica o motivo do povo ter sido completamente ignorado numa democracia, graças a uma côrte, apesar dos roubos nas eleições. Por ora, não são maioria os fracos pela própria natureza, mas expandem-se com enorme rapidez, como uma verdadeira praga.

Como estabelecido por Durkheim, a família é o primeiro círculo social, sendo esta a mais importante, é necessário reestabelecer a figura masculina a qual o garoto deve basear-se, assim como, a menina verá como um homem se porta, não para imitar, mas para exigir o básico de possíveis pretendentes quando for uma mulher.



<https://www.direitonasescolas.com/blog>

Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

Nota de Repúdio

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores - ABRAJUC, entidade que congrega profissionais de todas as áreas do Direito, unidos em torno dos valores e princípios consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, vem a público, mais uma vez, **REPUDIAR** a decisão do Governo Federal pela saída do Brasil do Consenso Internacional de Genebra, aliança de natureza multinacional contra o aborto.

A ABRAJUC se baliza pela defesa intransigente da vida desde a sua concepção, conforme explicita o artigo 2º do Código Civil brasileiro, que põe a salvo os direitos do nascituro.

Na mesma esteira, o Pacto de São José da Costa Rica, do qual o Brasil é signatário, em seu artigo 4º, item 1, disciplina que todo indivíduo possui o direito que se respeite a sua vida desde a concepção.

Temerosa da dimensão das inevitáveis consequências jurídicas e sociais que esse precedente ocasionará e, no intuito de evitar indesejáveis mortes de seres humanos inocentes e indefesos que são os nascituros, a ABRAJUC vem, muito respeitosamente, **EXORTAR O GOVERNO FEDERAL** a retomar o cumprimento de suas missões constitucionais, com o objetivo de contribuir para a proteção da vida dos brasileiros desde a concepção.

República Federativa do Brasil, 19 de janeiro de 2023

Associação Brasileira de Juristas Conservadores

Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.



WILL SMITH
EMANCIPATION

Dica de Filme

Emancipation

Uma história de liberdade

“Emancipation – uma história de liberdade” acompanha Peter (Will Smith), um homem que usa a inteligência, a esperança e o amor pela família para escapar da escravidão, fugir de caçadores brutais e passar pelo pântano impiedoso de Louisiana em busca da liberdade. O filme é inspirado nas fotos de “Whipped Peter” de 1863, tiradas durante um exame médico do Exército da União, que apareceram pela primeira vez na Harper’s Weekly. Uma imagem, conhecida como “The Scourged Back”, que mostra as costas nuas de Peter, mutiladas pelo chicote de escravocratas, contribuiu para aumentar a oposição do público contra a escravidão.



Dica de Música

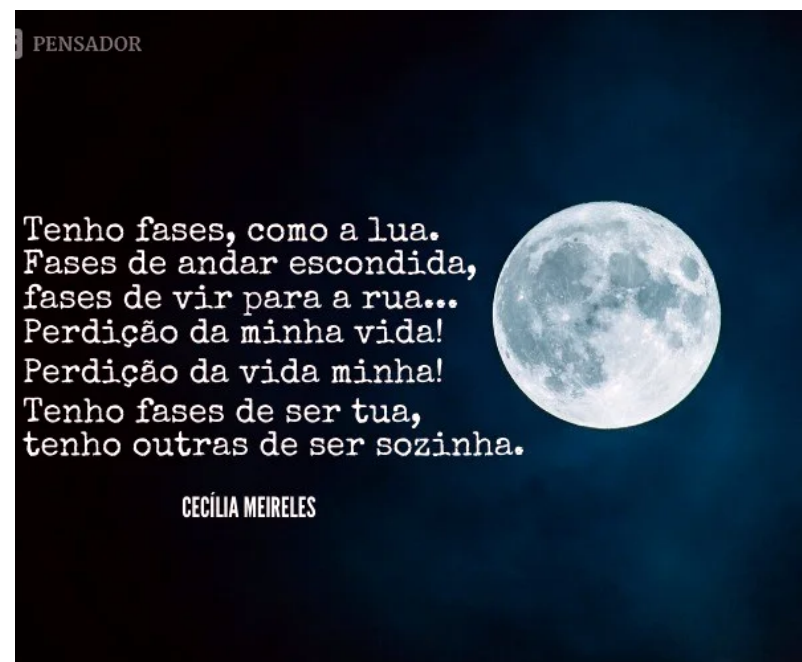
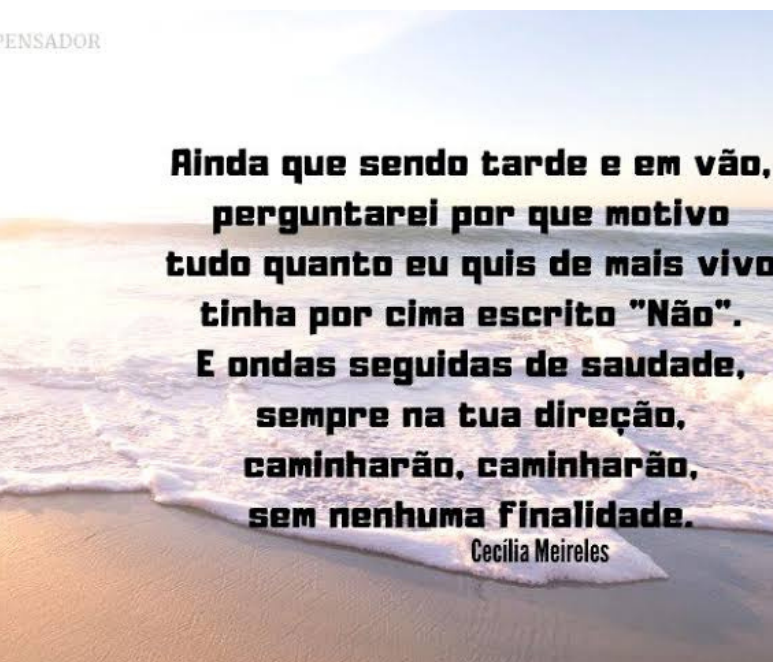
Overture aus Tannhäuser

Tannhäuser (também conhecido como O Concurso de Canto de Wartburg) é uma ópera de 3 actos com libreto do próprio Wagner que nos fala da redenção pelo amor. Tal como em Der fliegende Holländer, o sacrifício feminino espia os pecados masculinos. O Dilema ainda actual, entre o amor profano, carnal e o amor casto associado ao casamento, é uma questão central. Na abertura do Tannhäuser, Wagner conta toda a ópera, apresentando os seus vários motivos musicais, numa cadência cinematográfica de banda sonora colossal.

Clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=3Uv9smbInPo>

Cecília Meireles

Cecília Meireles (1901 – 1964) foi uma notória escritora brasileira que nasceu no Rio de Janeiro. Considerada uma das maiores poetisas nacionais, a autora foi um dos nomes que mais se destacou no contexto do modernismo brasileiro.



Mangaratiba



Proveniente da junção de duas palavras de origem indígena (“mangara” – ponta da banana e “tiba” – local onde existe abundância), a exploração do território do município verificou-se por volta de 1534, época em que foram doadas as capitanias hereditárias. A razão primordial que impediu o rápido progresso de sua colonização foi a presença dos índios tamoios, que não davam tréguas aos desbravadores, saqueando-lhes as moradias e as lavouras. Só a partir de 1619 fez o governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá, vir de Porto Seguro índios tupiniquins já catequizados para, com os jesuítas e seu filho Salvador Corrêa de Sá e Benevides, implantar aldeamentos na região, próximo à praia denominada São Brás. Somente em 1700, no entanto, os índios construíram uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora da Guia, em local onde hoje é a sede do município.

Munique Costa

De 1764 a 1818, o território da freguesia de Mangaratiba fez parte do município de Angra dos Reis, passando a pertencer a Itaguaí com a criação desse município até 1831, quando a antiga aldeia foi elevada à categoria de vila, conquistando emancipação política através do Decreto de 11 de novembro daquele ano, com a denominação de Nossa Senhora da Guia de Mangaratiba. A exemplo do que sucedeu na quase totalidade dos municípios fluminenses, a escravatura exerceu um papel preponderante na formação econômica e social de Mangaratiba. Do esplendor daquela época restam poucas construções e algumas ruínas. Pelo seu porto transitavam mercadorias vindas de todas as regiões do Brasil e do mundo. Do interior de São Paulo e de Minas, afluíam os gêneros e artigos a serem exportados.

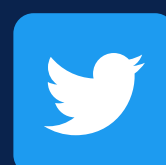
Mangaratiba também beneficiou-se do surto da expansão cafeeira como porto de escoamento da produção do Vale do Paraíba, por onde se chegava via picadas de tropeiros pela Serra do Mar, e como sede de grandes fazendas que se espalhavam até Paraty. Com o aumento da produção, tornou-se necessária a abertura de uma estrada mais larga, que foi inaugurada pelo Imperador D. Pedro II sob denominação “Estrada Imperial”. A grande dificuldade de acesso terrestre permanente e a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, ligando o Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba na segunda metade do século XIX, fez com que progressivamente minguasse a atividade comercial de Mangaratiba. A abolição da escravatura extinguiu a agricultura dos latifúndios locais resultando em quadro de total abandono.

Em 1892, a freguesia de Mangaratiba e ilhas adjacentes foram incorporadas ao então município de São João Marcos, mas readquiriu sua autonomia municipal, com a instalação dando-se no dia 17 de dezembro do mesmo ano. Em 1910, ramal de estrada de ferro, oriunda de Santa Cruz, chega a Itaguaí e, no ano seguinte, a Coroa Grande e Itacuruçá. Finalmente, em 1914, festejou Mangaratiba a chegada da primeira locomotiva que a traria de volta ao cenário econômico do Estado. A construção do Rodovia Rio-Santos, a implantação de grandes empreendimentos como o Hotel Portobello, o Clube Mediterané e o Porto Real Resort, e os já tradicionais passeios de escuna pelas ilhas da região a partir de Itacuruçá ajudaram a consolidar o turismo como principal fonte de renda do município.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila de Nossa Senhora da Guia de Mangaratiba é constituída de 3 distritos: Nossa Senhora da Guia de Mangaratiba, Jacaré e Itacuruçá. Elevado à condição de cidade com a denominação de Mangaratiba, por efeito da lei estadual, o município é constituído de 3 distritos: Mangaratiba, Jacaré e Itacuruçá. Assim permanecendo em divisões territoriais, o distrito de Jacaré passou a denominar-se Conceição de Jacaré.

Em 1949 é criado o distrito de vila de Muriqui e anexado ao município de Mangaratiba, distrito formado com terras do Distrito de Itacuruçá.

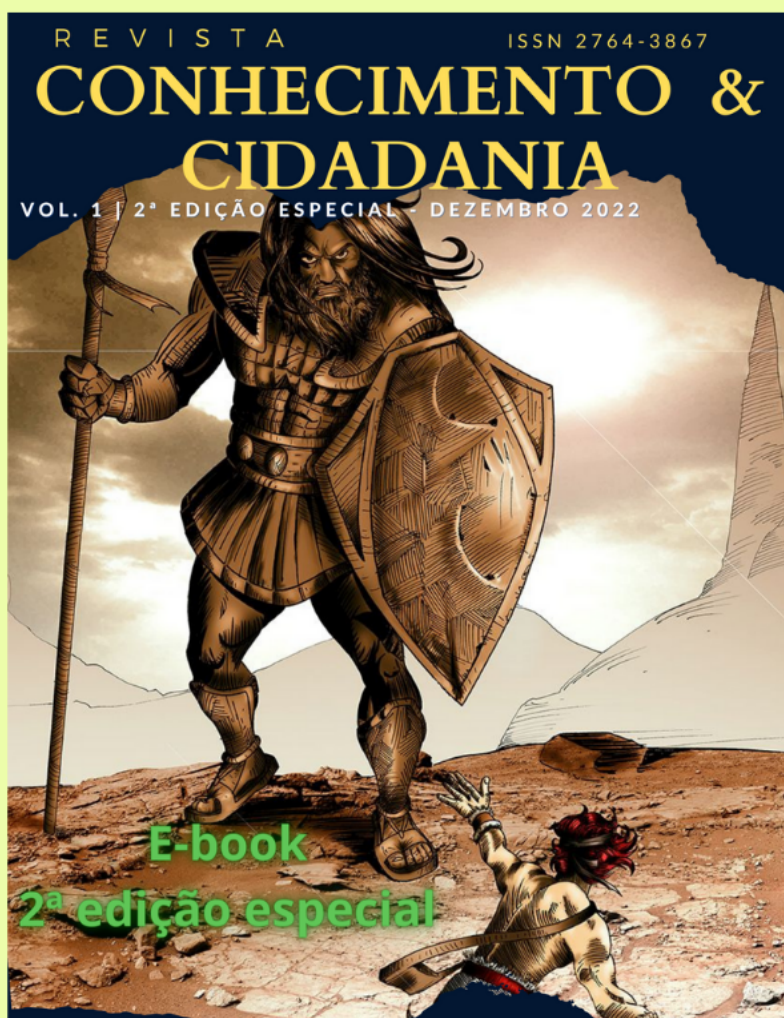
Siga-nos
nas
**REDES
SOCIAIS**



@revistaconhecimentocidadania



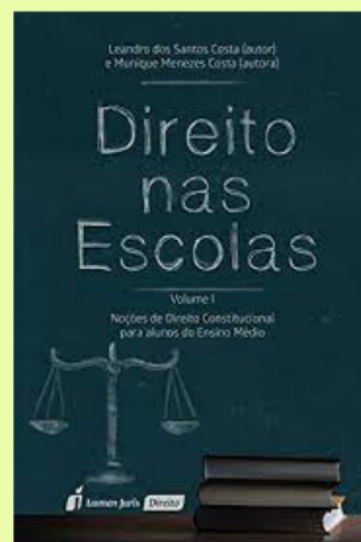
Revista Conhecimento & Cidadania



www.direitonasescolas.com/livraria

Por Apenas
R\$ 25,00

Na compra do E-book
2ª edição especial
grátis
E-book: Direito nas
Escolas.



Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:

PIX: 28.814.886/0001-26

